

FIGUEIREDO PIMENTEL E *O ABORTO*: UM HOMEM DE LETRAS NO RAIAR DA REPÚBLICA

Joana MONTELEONE*

*A natureza não é nenhum tempo, mas/uma oficina, diz
Basarow, “e o/ homem é apenas um operário nela”.*

Pisarew, “Realistas”¹

O período que a crítica chamou de pré-modernismo foi um tempo período de expectativas. Expectativas com relação à república que nascia, um novo momento em que a esperança e as utopias se fizeram presentes, com o surgimento de autores renomados, importantes obras literárias. Momento em que as transformações urbanas ainda estavam afetando boa parte da população que compunha a cidade do Rio de Janeiro, capital da nova República, com suas preocupações com a higienização, com novos costumes, novos ideais de civilização que precisavam ser defendidos e postos em prática, uma nova ordem moral e cívica fazia parte da possibilidade de civilização e progresso da nação. Dessa forma, duas ideias se instituíram como sendo as principais possibilidades de formação do “homem republicano”: a educação e o trabalho. Por meio delas, qualquer um poderia se tornar um cidadão de bem para o futuro. Civilizar o país era o principal foco daquele momento. Eis que a modernidade batia a porta.

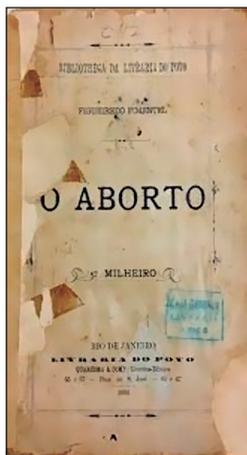
A primeira década do século XX foi um momento especial para a edição de impressos periódicos no Brasil – e o Rio de Janeiro era uma cidade que atraía esse tipo de empreendimento. Era a capital da nova república – havia sido a corte – e, portanto, possuía o maior parque gráfico do país, o maior número de pessoas alfabetizadas, de editoras, de autores, de jornalistas, de ilustradores e fotógrafos e também de leitores do país.² O livro *O aborto*, de Alberto Figueiredo Pimentel é justamente fruto desse período em que se enraíza e se expande o mercado editorial brasileiro.

* Joana Monteleone é editora e historiadora. Atualmente faz pós-doutorado na Cátedra Jaime Cortesão, na Universidade de São Paulo.

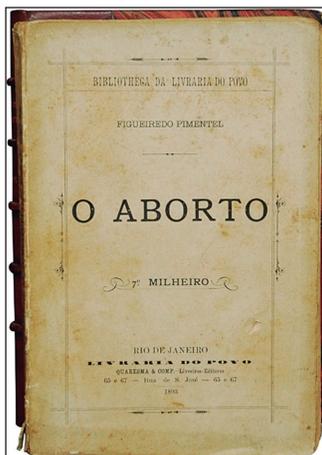
¹ Ver SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983, especialmente o capítulo “O exercício intelectual como atitude política: os escritores-cidadãos”, p. 78.

² BESSONE, Tania Maria. *Palácios de Destinos Cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. São Paulo: Edusp, 2014.

Primeira edição de *O aborto*,
pela Livraria do Povo



Sétima edição, já pela Livraria
e editora Quaresma



O livro ficou esquecido por muitas décadas até ser reencontrado por críticos literários e historiadores dos livros, preocupados em entender o autor e seu período. *O Aborto* conta a história de Maricota, jovem que se muda de Rio Bonito para Niterói e que se inicia sexualmente com seu primo Mário, estudante de farmácia, dono de uma biblioteca de livros eróticos devorada por sua parceira de aventuras sexuais. A certa altura da trama, entediada por sua vida pacata da cidade, Maricota encontra os livros de Mários e os lê com sofreguidão e desejo. De uma certa forma, este é um livro sobre como os livros podem ensinar as mulheres a entenderem seus

próprios desejos, como são muitos outros livros eróticos, como *Teresa, a filósofa*, por exemplo³, uma tradição entre os livros eróticos. *O aborto* pode ser lido como um livro sobre as maneiras pelas quais uma biblioteca pode despertar o desejo e mostrar o caminho para uma vida sexual prazerosa para uma jovem. No caso da história de Maricota, por exemplo, o final moralista, depois muitas e ardentes aventuras sexuais, mostra tanto um tema polêmico (um aborto), como também uma espécie de redenção da protagonista, com uma morte trágica e sangrenta aos 17 anos.

Maricota, com seus desejos sexuais explícitos, se assemelha a outras personagens femininas do período. Muitos foram os escritores e leitores que viveram sob o encantamento de uma personagem que marca o século XIX, Salomé. Neta de Herodes, o grande, e filha de Herodes Filipe e Herodia, conta a história bíblica que Salomé dançou na festa de Herodes Antipas, seu tio e padrasto. Encantado pela jovem dançarina, Antipas diz a ela que poderia pedir o que quisesse. Influenciada pela mãe, Salomé pede a cabeça do profeta João Batista, que encontrava preso por blasfêmia. Pouco depois, a cabeça de João Batista lhe é oferecida numa bandeja. Ao longo da história construíram-se as fantasias a respeito da mulher que conseguiu com que a cabeça de um homem poderoso lhe fosse servida de bandeja, manipulando os desejos dos homens presentes na ocasião.

Ao longo dos séculos, muitos foram os artistas que retrataram Salomé, de pintores a escritores. Mas o século XIX foi especialmente pródigo em colocar Salomé num lugar de destaque – Flaubert escreve sobre ela em “Herodias”, Mallarmé em *Herodiade*, Oscar Wilde na sua famosa peça de teatro, *Salome*. Entre essas muitas representações do período está o romance de *À Rebours* (1884), do francês Joris-Karl Huysmans, em que ele faz duas longas descrições dos quadros de Gustav Moreau, que retratam Salomé dançando e pedindo a cabeça de João Batista.

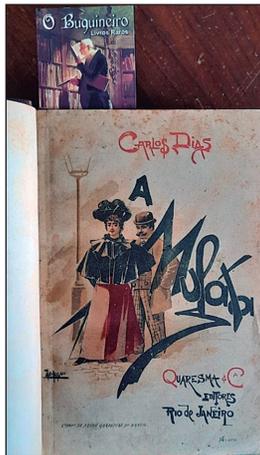
Assim, muitas foram as Salomé da literatura brasileira. Rita, de *O Cortiço*, com suas danças sensuais, os olhos de cigana dissimulada de Capitu em *Dom Casmurro*, a irrefreável Helena de *A Carne* ou mesmo Camila de *A falência*. Em todas elas, estava retratada a mulher independente, que tem desejos sexuais e que busca própria satisfação. Num século em que a dominação patriarcal era a regra, todas essas personagens traziam em si mesmas a ideia de perigo, de algo monstruoso e incontrolável. Dessa forma, assim como todas essas mulheres fortes e desejantes, Maricota, heroína niteroiense de *O aborto*, traz em si muito das Salomé do século XIX, mulheres donas da própria sexualidade e do próprio destino – que não se tornam históricas exatamente por causa disso. “Maricota, então, deslumbrada pelas leituras pornográficas do baú de Mário, almejava ‘ser uma prostituta célebre, como Nana, que tanta impressão lhe causara’. Assumindo para Mário que não é

³ ANONIMO. *Teresa, a filósofa*. Porto Alegre: LP&M, 1997. Este é um clássico erótico do século XVIII, no qual uma jovem inocente é instruída nas artes dos prazeres carnavais por muitos e interessados preceptores.

uma “rapariga honesta”, Maricota não ambicionava casamento, mas sim o luxo e a vida na corte.”⁴ Nem o sexo, nem o estigma da prostituição a assustavam, pelo contrário – ela desejava ambos. Personagens femininas fortes e altamente sexualizadas também vendiam livros, então Figueiredo Pimentel sabia muito bem como destacar Maricota, a Salomé de Niterói, na trama.

No mesmo período em que foi lançado *O aborto*, 1893, pela Livraria do Povo, também conhecida como A Quaresma, apareceu nas prateleiras das livrarias brasileiras o livro *A mulata* do português Carlos Malheiros Dias, que bem jovem passava uma temporada no Rio de Janeiro. Os livros têm muitas coisas em comum. Com abordagens naturalistas e enredos picantes, tanto *O aborto* como *A mulata* saíram com tiragens ousadas para a época, mais de 5 mil exemplares. Os dois livros, ao mesmo tempo em que se associam à literatura naturalista, alinhando-se com Zola, Eça de Queiroz e Aluísio Azevedo, são anunciados e vendidos como se fossem livros “para homens” ou “romances para se ler com uma mão só”. Os dois autores eram jovens escritores que vendiam sua pena para um editor ambicioso e ousado. A estratégia de marketing da editora, na época, funcionou e os dois títulos alcançaram patamares de venda bastante significativos para a época. Na década de 1890, a Quaresma tornava-se a terceira editora a mais importante do *fin de siècle* brasileiro, atrás da Laemmert e da Garnier, investindo pesado em livros de entretenimento para as classes populares, cada vez mais letradas.

Primeira edição de *A mulata* pela Quaresma: desenho e tipografia populares



⁴ PORTO, Mariana Martins. O aborto (1893), de Figueiredo Pimentel: um romance esquecido. *Revista Letras*, ISSN 0100-0888 (impresso) e 2236-0999 (versão eletrônica).

A Quaresma era uma livraria e editora carioca que nasceu com a compra em 1879 por Pedro da Silva Quaresma da “Livraria do povo” de Serafim José Alvez, também editora e livraria.⁵ Depois de um tempo usando o mesmo nome, este muda para Quaresma, sobrenome de Pedro, mas a confusão de denominações continua por um tempo. Especializada em livros populares de baixo custo, incluindo os tais livros “para homens” ou “romances para se ler com uma mão só” como a *A Mulata* ou *O aborto*, a Quaresma teve uma relação peculiar e especial com Figueiredo Pimentel, autor conhecido da casa, tendo também escrito *O Manual dos namorados*, também um sucesso editorial.⁶

Como muitos outros editores do período, Pedro Quaresma contratava jornalista para escreverem livros que caíssem no gosto popular e vendessem bem. As formas de edição haviam mudado na década de 1870, barateando edições com papéis mais acessíveis e edições com tiragens altas e livros de temáticas populares.⁷ *O aborto*, com seu apelo popular, custava 2 mil réis, preço bastante acessível para a época.⁸

Foi na editora e livraria Quaresma que Figueiredo Pimentel se consagrou como um autor de literatura infantil, muitas vezes estando à frente da coleção de livros para crianças. Foi Pedro Quaresma quem encomendou, ao jornalista diversas obras infantis para sua nova coleção “Biblioteca Infantil da Livraria Quaresma” – e assim Pimentel escreve para a coleção *Histórias da carochinha*, *Histórias do Arco da Velha*, *Histórias da avózinha*, *Histórias da baratinha*, *Os meus brinquedos*, *Contos do País das Fadas*, *Theatro Infantil*, *O Álbum das crianças*.⁹ Os livros logo se tornaram um sucesso de público e capitalizaram a editora.

Pedro Quaresma tinha uma visão de mercado e de divulgação ousada para a época. Sem muita verba para pagar muitos anúncios nos principais jornais da corte e de outras capitais como faziam a Laemmert e a Garnier, ele recorria a um expediente mais modesto – cada livro que saía era feito um pequeno cartaz que era afixado em postes em pontos da cidade que eram cheios de trânsito de pessoas.¹⁰

No ano em que publica *O aborto* a produção de Alberto Figueiredo Pimentel é prolífica. Com 24 anos, tendo começado no jornalismo com 17, Pimentel escreve para jornais, assina colunas, participa de polêmicas, escreve romances naturalistas e poesias simbolistas. É de 1893, o livro *Fototipias*, em que se coloca ao lado

⁵ HALLEWELL, Laurence (1985). *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EdUSP. [S.l.: s.n.]

⁶ EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

⁷ EL FAR, Alessandra. Crítica social e ideias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos “romances para homens” de finais do século XIX e início do XX. *Cadernos Pagu*, vol.28, janeiro-junho de 200, p. 285-312.

⁸ PORTO, Mariana Martins. *O aborto (1893)*, de Figueiredo Pimentel: um romance esquecido. *Revista Letras*, ISSN 0100-0888 (impresso) e 2236-0999 (versão eletrônica).

⁹ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*. São Paulo EdUSP. [S.l.: s.n.], 1985

¹⁰ Idem.

dos primeiros poetas brasileiros simbolistas. Ao mesmo tempo, é correspondente do *Mercure de France*, o grande jornal simbolista francês.¹¹ Lá escreve a coluna *Lettres Bresiliennes*, sob o pseudônimo de Barão de Santo Alberto. Dois anos depois, Pimental publica *Suicida!* E no outro ano, 1896, sai *O terror dos maridos*. Todos seus romances misturam temas naturalistas com pitadas de pornografia, numa ousada estratégia de marketing da editora.

Figueiredo Pimentel acompanhou seu editor em diversas estratégias de marketing – sabia criar polêmicas nos jornais, criava personagens femininas que caíam no gosto do público, escrevia cenas picantes, alinhava-se a estética literária em voga. Pimentel foi o que Nicolau Sevckenko chamou de homem de letras, “escritor-cidadão”, pertenceu a uma geração de escritores que se profissionalizou, que colocava no papel, em livros, revistas ou jornais, o espírito de uma época, suas visões e ambições – e que, principalmente vivia da escrita.¹²

Republicanos, abolicionistas, democráticos e liberais, esses homens alinhavam-se ao cientificismo vigente na época e engajavam-se na construção de um novo país. Apoiavam-se na ideia de educar a população, elevando seu nível educacional. Mesmo em livro picantes, considerados pornográficos, o final moralizador era essencial, como foi em *O aborto*. É a partir dessa chave que se entende a ampla gama de escritos de Pimentel, da literatura pornográfica aos livros infantis.

Figueiredo Pimentel foi um homem do seu tempo, escrevendo como jornalista antenado, romances e tudo o mais que lhe encomendavam. Talvez resida aí o esquecimento póstumo de *O aborto* – foi um livro de consumo rápido como as matérias sensacionalistas que pipocavam numa imprensa que crescia dia a dia. A reedição de *O aborto*, a segunda nos anos 2000, recoloca essa leitura popular como uma questão para historiadores e críticos, que não podem se limitar ao cânone tradicional em suas leituras e análises. Mas também reapresenta ao público uma literatura que não tinha vergonha de ser explicitamente popular, sem abrir mão de referências supostamente “eruditas”.



¹¹ GOIS, Fred. O Carnaval elegante de Figueiredo Pimentel. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.12, n.2, p. 21-31, nov. 2015.

¹² Ver SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983, especialmente o capítulo “O exercício intelectual como atitude política: os escritores-cidadãos”, p. 78 a 118.